

Os impactos da exposição a violência: aceitação da violência ou horror continuado? O caso de São Paulo.

Nancy Cardia

Núcleo de Estudos da Violência- Universidade de São Paulo

Introdução

A violência urbana, em especial a violência fatal, vem crescendo em todos os centros urbanos do Brasil mas principalmente nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em 1997 o Brasil superou o número de 40.000 homicídios¹ sendo que desses 38,8% ocorreram nas duas regiões metropolitanas: São Paulo e Rio de Janeiro. O crescimento dessa violência ocorre, então de modo heterogêneo se concentrando mais em algumas regiões metropolitanas sendo Vitória e Recife duas outras regiões que se destacam.

Que a distribuição dos homicídios não se dá de modo homogêneo entre centros urbanos e menos ainda dentro desses centros mas se concentra em algumas áreas e dentro dessas áreas também ocorrem em apenas alguns bairros, é um fato já identificado em outros países que vivem e que viveram um forte crescimento da violência nas últimas décadas (Estados Unidos, Colômbia, Venezuela, México). Nos Estados Unidos o número de cidades envolvidas é maior do que o que ocorre na América Latina, onde tende a haver uma concentração dos homicídios principalmente em determinadas regiões com problemas muito específicos- no México tem-se a capital federal e as cidades fronteiriças com os Estados Unidos, em razão do narcotráfico; na Colômbia são várias as cidades afetadas e até mesmo as áreas rurais (conseqüência das ações do narcotráfico, da guerrilha, dos paramilitares, e do exército colombiano) e na Venezuela o grande foco de crescimento da violência se dá em Caracas associado a forte crise econômica no país. No Brasil, dado que há um maior número de grandes centros urbanos, é de se esperar que haja uma maior distribuição do problema. Porém, a concentração dos homicídios em 4 regiões metropolitanas sugere que haja problemas específicos dessas regiões que estão alimentando o crescimento dessa violência.

¹ Dados do DATASUS (Ministério da Saúde, Governo do Brasil)

Uma pesquisa² tipo survey sobre as atitudes, os valores, as normas culturais e comportamentos em relação a violência teve como objetivo examinar uma das várias causas atribuídas a violência: sua normalização ou a existência de uma "cultura da violência" que seria uma das conseqüências da contínua exposição a violência. Parte da justificativa para essa abordagem está na existência de alguns indícios de que certas formas de violência são provocam menos indignação do que seria esperado.. Observa-se que há, com maior freqüência, indignação contra o crescimento de delitos violentos contra a propriedade do que com o crescimento dos crimes contra a vida que vitimam, em sua grande maioria, jovens do sexo masculino, moradores dos bairros mais pobres. Essa ausência de indignação pode ser conseqüência de vários fatores: pode indicar a existência de uma normalização ou aceitação da violência interpessoal desde que praticada contra o que se imagina sejam determinados "tipos de pessoas", ou para resolver determinados tipos de disputa por exemplo, do tráfico de drogas.

O pressuposto dessa pesquisa é de que a violência não se explicaria apenas a partir da presença de variáveis estruturais: pobreza, desemprego, carência em vários níveis, mal funcionamento do sistema de justiça criminal, presença de álcool ou drogas na sociedade mas também que haja um conjunto de valores e de normas que permitam que comportamentos violentos ocorram. Assim, a violência tem múltiplas causas sendo que o valores e normas socialmente compartilhados são parte desse modelo de causalidade.

A elaboração do questionário exigiu uma ampla revisão da literatura sobre o papel das atitudes, normas e valores culturais sobre o comportamento violento. Essa revisão abrangeu os fatores culturais que tendem a estar associados a violência tais como as teorias sobre o impacto da cultura da honra (Cohen e Nisbett, 1994) sobre a violência, a exposição a violência (Hinton-Nelson et al, 1996), as causas que são atribuídas a violência as "teorias" do senso comum (Everett et al, 1995), as conseqüências da exposição a violência (Singer, 1995)- os tipos de violência que são percebidos como justos uso da punição corporal, por

² O survey no qual se baseia esse trabalho abrangeu 10 capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Belém, Manaus, Porto Velho, e Goiânia. Foram entrevistadas 1600 pessoas com 16 anos ou mais, com diferentes graus de escolaridade e condições econômicas. A esses entrevistados foi aplicado um questionário com perguntas fechadas (escalas de atitudes) e algumas perguntas abertas. Os dados foram coletados entre fins de março e começo de abril de 1999. Os dados coletados permitem vários cruzamentos: por faixa etária, por sexo, por grau de escolaridade, religião, tipo de renda familiar, tempo de moradia na cidade e (se migrante) estado de origem, e raça. Para fins desse trabalho os resultados estão sendo apresentados privilegiando-se os cruzamentos por faixa etária, pois as diferenças entre faixas etárias aparentam ser as mais relevantes e dado que os tratamentos estatísticos mais refinados ainda estão em curso.

fim, a relação entre a avaliação das instituições encarregadas de aplicar as leis- o judiciário e as polícias e a credibilidade dessas instituições para deter a violência (Tyler & Degoey, 1995). Foram utilizados também dados da pesquisa APTIVA realizada em 1997, em 8 cidades latino americanas pela Organização Pan Americana de Saúde, sobre normas e valores em relação a violência.

Os resultados

A Percepção da Violência

A violência é percebida como um problema relevante e saliente e como fenômeno que cresce em todas as cidades pesquisadas e junto a todos os grupos etários considerados, em média 95% dos entrevistados percebem a violência como crescendo nos últimos tempos. Em São Paulo tanto a sensação dos entrevistados como as estatísticas oficiais convergem. A violência, sob a forma de delitos violentos cresce sem parar desde meados dos anos setenta. Isso explica porque as pessoas mais idosas são as mais unânimes em dizer que a violência só faz crescer (99%). Essa violência que cresce, afeta principalmente a vida nas cidades (52% de concorda). As pessoas, em geral, percebem a vida da família e a vida dentro do bairro como sendo menos afetadas pela violência. O aspecto mais afetado pela violência seria aquele da convivência mais impessoal e anônima do espaço público da cidade. São os mais jovens aqueles que tendem a perceber mais impacto da violência sobre o bairro. Já os mais idosos parecem estar mais sensibilizados para o impacto dessa violência sobre a família. Assim apesar da percepção quase unânime de crescimento da violência as conseqüências desse crescimento, em termos do impacto que ela provoca, não são avaliadas de modo uniforme.

A exposição a violência

Medir a exposição da população a violência é essencial para que possamos entender quais são os determinantes, a longo prazo, dos comportamentos de apoio a medidas violentas para conter a violência e de atos delinqüenciais. A exposição a violência é definida como as experiências de vitimização direta e indireta. Vitimização indireta refere-se a violência que se assiste, aquela na qual a pessoa testemunha a violência ou os casos que envolvem parentes ou amigos próximos e que ouvem falar. Estar mais ou menos exposto a violência não é um evento neutro na vida das pessoas mas descreve não só diferenças de padrão de qualidade de vida mas também de novos riscos de vitimização. A literatura tem demonstrado que o risco de vitimização não está distribuído de igual modo

dentro da cidade mas que certas áreas são mais afetadas e dentro dessas áreas algumas pessoas são mais vitimadas. A literatura mostra ainda que quando essa violência, que a violência que tem mais impacto é aquela que ocorre mais próximo das pessoas: com elas mesmas ou com seus parentes e amigos.

A vitimização direta

A exposição dos entrevistados a violência foi medida em três contextos: nas proximidades da casa (no bairro); do local de trabalho (para quem trabalha) e da escola (para quem estuda). Procurou-se ainda identificar se a violência envolvia o próprio respondente ou um parente e no caso de jovens se esses conheciam outros jovens, amigos ou conhecidos, que haviam tido aquelas experiências e em qual papel. Em caso positivo qual fora seu papel: vítima ou perpetrador.

A maioria dos entrevistados sofreu algum tipo de violência nos últimos 12 meses ou ainda assistiu ou ouviu falar de alguém próximo que testemunhou esses eventos. O grau de seriedade da violência varia mas dois padrões são recorrentes; os mais jovens são os mais vitimados direta ou indiretamente e a violência mais grave e aquela mais freqüente tende a ocorrer nas proximidades da casa.

Quadro 1- Vitimização nos últimos 12 meses por faixa etária

Por favor pense sobre o que aconteceu nos últimos doze meses para responder às perguntas e me diga se nesses meses cada uma destas coisas aconteceram ou não com

o(a) sr(a):

SÃO PAULO

	IDADE				
	TOTAL	16-24	25-34	35-49	50 e mais
	%	%	%	%	%
NO SEU BAIRRO					
SÃO PAULO					
Alguem o agrediu com palavras de baixo calão	20	30	19	19	11
Alguém o(a) ameaçou com um revólver para roubar algo seu	7	8	7	6	8
O(a) sr(a) sofreu alguma agressão física (tapa,soco,pontapé,etc.)	4	8	4	2	1
Alguem o ameaçou com uma faca para roubar algo seu	3	4	3	2	2
O(a) sr(a) foi ferido por arma de fogo, como revolver.	0	2	0	0	0
Alguém lhe ofereceu drogas	7	17	5	6	0
Alguém lhe pediu para procurar drogas	3	12	2	1	0
Sentiu necessidade de andar armado	4	8	2	6	0
O(a) sr(a) mudou de casa por medo ou ameaça de violência	3	4	4	2	1
O(a) sr(a) sofreu algum tipo de agressão ou maltrato policial	3	8	2	1	0
Algum policial/ autoridade o ameaçou para tirar-lhe	2	3	4	1	1

algum dinheiro

O(a) sr(a) ou algum parente próximo foi ameaçado de morte	10	19	9	7	3
Algum parente próximo foi assassinado.	4	8	4	2	1
Algum parente próximo foi ferido por arma de fogo ou faca	3	7	5	1	1
Algum parente próximo foi seqüestrado	1	1	1	0	1

N= 500

Fonte: NEV/MJ, 1999

Ao menos 10% dos entrevistados em São Paulo foram vítimas de roubo (com ameaça por armas de fogo ou com faca), 4% foram vítimas de lesão corporal, 3% tiveram um parente ferido, 4% tiveram um parente assassinado, e 1% tiveram parentes seqüestrados. Os mais jovens foram os mais vitimados em todos os itens pesquisados apresentando em alguns casos o dobro da vitimização de outros grupos etários: 12% foram roubados (com uso de arma de fogo ou faca). 8% sofreram lesão corporal, 7% tiveram um parente ferido por arma de fogo ou faca e 8% tiveram um parente assassinado. Os jovens são também mais expostos a insultos verbais- 30% enquanto 20% do total sofre esse tipo de agressão e são ainda duplamente mais expostos a drogas do que os outros grupos etários- 17% receberam ofertas de drogas (contra 8% do total) e 12% foram solicitados a procurarem drogas (3% do total). É o grupo que mais relata experiências negativas com policiais nos últimos 12 meses: 8% deles relataram terem sofrido agressões ou maus tratos por policiais e 3% terem sofrido extorsões de policiais. Sendo mais vitimados não surpreende que os jovens seja o grupo que mais sentiu necessidade de andar armado (8%).

Quando comparamos esses resultados, com aqueles da pesquisa APTIVA (1997), observamos pequenas variações: os dados da APTIVA ³se referem ao Rio de Janeiro e os seus resultados seguem, em linhas gerais, o observado aqui. Dentre esses respondentes 6,4% foram vítima de roubos, 4,5% tiveram um parente assassinado e 1,1% foram feridos por faca ou por arma de fogo e por facas. Esses números são inferiores aos coletados em Cali, Caracas, Mendellin e a San Salvador, mas o padrão de vitimização, observado para os mais jovens, se mantém.

A vitimização identificada no survey também segue o padrão estadunidense no que se refere ao local da vitimização: o bairro. As pesquisas americanas mostram que a maioria das pessoas é vítimas de roubos e furtos nas proximidades de seu local de residência. Essas pesquisas (Sampson, 1985) também mostram ainda que viver em áreas de altas taxas de criminalidade objetivamente aumenta o risco de vitimização. A vitimização direta dos

³ Realizada pela OPAS- Organização Pan-Americana de Saúde

entrevistados, no survey, também parece seguir o padrão identificado em outras pesquisas e em especial pelo tipo de violência sofrida e pela maior frequência de casos envolvendo jovens.

Pesquisa longitudinal realizada em Chicago, financiada pelo National Institute of Justice e envolvendo vários bairros mostra que também é no bairro (que se superpõe em geral ao local da escola) que a maioria das agressões ocorrem e que entre as pessoas entrevistadas 31% sofreram agressão física, 15% foram roubados e 14% já haviam sofrido agressão sexual e 8% foram vítima de ferimento a bala. Singer et al (1995) pesquisando a exposição de jovens a violência na escola, na vizinhança da casa e dentro da casa, em Denver e em Cleveland, verificaram que os jovens do sexo masculino sofrem mais violência física e as do sexo feminino mais violência sexual. Para as jovens a casa é o lugar mais perigoso enquanto para os rapazes os lugares mais perigosos são a escola seguida da vizinhança. Entre 37,5 e 42,9% foram ameaçados na escola, entre 30,5% e 40,9% foram agredidos a socos na escola e entre 9 e 10% roubados na escola. Além disso entre 16 e 14% foram atacados com faca e um número surpreendente havia levado um tiro: 28,3 % em Denver e 33,4% em Cleveland.

Esse tipo de vitimização justificaria que os entrevistados percebam que a violência tem impacto sobre a seu bairro, sua cidade e sobre a sua família e mais, até que sentissem mais necessidade de tomar medidas para aumentarem a sensação de segurança. Mas isso não parece ser o que ocorre. Esses dados sugerem que a sensação de segurança ou de insegurança não deriva apenas da experiência objetiva mas que outros fatores intervêm, entre eles o tipo de violência que assistem e sobre o qual comentam com amigos.

A vitimização indireta

Há mais vitimização indireta do que direta, o que também é algo esperado. A maioria dos entrevistados assistiu nos últimos 12 meses a algum tipo de comportamento delituoso ou de violência sendo a mais freqüente alguém consumindo drogas em público. O padrão de assistir a violência é semelhante ao padrão da violência que vitima. Os crime violentos mais testemunhados são também aqueles que mais vitimaram. Assim como em relação a vitimização direta são os mais jovens os que mais relatam terem testemunhado todos os tipos de delitos ou violência, em geral o dobro dos grupos mais velhos. Os delitos mais testemunhados foram: a agressão corporal (35%), o roubo a mão armada (21%), alguém puxar uma arma para outra pessoa (21%), alguém levar um tiro (14%), além disso 13% testemunharam um assassinato, 11% viram o corpo de uma vítima de assassinato e 7% viram alguém ser esfaqueado.

O uso de drogas e o comércio de drogas são os dois delitos mais testemunhados pelos jovens: 72% dos entrevistados viram alguém consumindo drogas nos últimos 12 meses e 46% assistiram a transações de drogas. São também os jovens que mais assistiram a prisões (21%). Resta saber se essas prisões obedeceram rigorosamente as prescrições legais ou se ao longo desses eventos atos arbitrários foram perpetrados. Isso é resta saber se esses eventos representaram oportunidade para os jovens testemunharem a aplicação das leis ou se se tornaram eventos que reforçaram uma ambigüidade em relação as leis.

A exposição a violência também se dá através do conhecimento de que alguém próximo assistiu a tais episódios. Esse tipo de exposição é menos freqüente, porém importante, pois serve para confirmar para quem é vítima ou para quem assiste a esses eventos que eles não são tão ocasionais. Os mais jovens são, de novo, os que mais relatam conhecerem alguém que foi vítima de atos violentos. São os delitos violentos que atingem a pessoa e a propriedade e que vitimaram pessoas conhecidas que são os mais comentados entre as pessoas. Esses delitos tendem a ser tema de conversa por serem aqueles que mais provocam medo entre as pessoas.

A exposição dos jovens com menos de 20 anos a violência também foi avaliada através de questões específicas sobre se conheciam jovens como eles mesmos e que tivessem sido vítimas de algum delito violento nos últimos 12 meses. As respostas a essa questão reiteram o que foi visto até agora, os jovens estão sendo vítimas da violência em seu bairro, nas proximidades de suas casas. A violência nas escolas ou no trabalho é muito inferior àquela das proximidades da casa.

Os jovens não só conhecem alguém como ele que foi vítima dessas violências, eles também conhecem os agressores e como tem sido enfatizado nas pesquisas americanas conhecer ou o agressor ou a vítima aumenta a intensidade da exposição, e isso aumenta a probabilidade que os eventos deixem marcas em que testemunha ou fica sabendo do que se passou (Richters & Martinez, 1993). Esses episódios se transformam em co-vitimização que tem como um dos efeitos provocar a síndrome pós-traumática, também chamada de "fadiga do sobrevivente" (Warner & Weist, 1996). Essa síndrome se traduz por raiva, depressão, forte ansiedade, distúrbios de sono, perturbações da memória e da capacidade de concentração e comportamento de fuga.

Quadro 2- Exposição a violência- Jovens com menos de 20 anos que conhecem vítimas e/ou agressores.

Você tem ou não tem algum colega que: SIM

São Paulo %

Já agrediu/spancou algum colega 53

Se meteu em briga de "gang"	33
Anda armado	32
Já assaltou alguém	27
Ameaçou professor	15
Já matou alguém	12
Ameaçou professor com faca ou canivete	5
Já foi ferido a arma de fogo	24
Já foi assaltado	39
Foi ameaçado de morte	35
Já foi ferido a faca	14
Foi assassinado	14
Já foi estuprada	11

N=66

Fonte: NEV/MJ, 1999

Os jovens entrevistados são mais vítimas, assistem mais, ouvem falar mais da violência e com frequência conhecem também os agressores e isso é válido tanto para os rapazes como para as moças. Chama atenção o percentual de jovens que conhecem outra jovem que foi vítima de estupro: 11%. O mesmo se dá com o percentual de jovens que conhecem alguém como ele (ela) que já matou alguém (12%), que foi morto (14%), ou ainda que anda armado (32%).

Assim as respostas dos entrevistados mais jovens reiteram os dados das estatísticas oficiais: eles são o grupo mais vulnerável e mais vitimado diretamente e indiretamente. Eles foram mais vítimas de violência, testemunharam mais casos, conhecem mais outras vítimas e agressores. Isso significa que estão expostos a um número de elementos que encorajam a aceitação de um roteiro de ações no qual a violência não é um elemento estranho.

Essa forte exposição dos jovens a violência afetaria sua expectativa de vida futura? Para responder a essa pergunta solicitamos aos entrevistados com 20 anos de idade ou menos que estimassem qual a probabilidade de estarem vivos aos 25 anos. A maioria (55%) parece estar relativamente segura que estará viva aos 25 anos. A violência que testemunham parece não afetar a expectativa de vida e isso sinaliza para a presença de um grau de resiliência, ou seja de elementos que contrabalançam os efeitos negativos dessas experiências.

Comparações com dados de outros países permitem entender em que medida essa exposição à violência testemunhada é ou não um fato esperado. Os dados do National Institute of Justice (1996) mostram que em Chicago entre 23% e 30% dos moradores já assistiram a um assassinato ou alguém ser baleado, 24% viram uma vítima de assassinato, e 66% ouviram tiroteios. Há também grandes variações entre cidades estadunidenses: em Baltimore

(Gladstein & Slater, 1988) pesquisa entre jovens demonstrou que 60% deles havia testemunhado agressão grave, 51% roubos, 42% tiroteios, 24% assassinato e 14% estupro. A pesquisa de Singer et al (1995) em Denver e Cleveland mostra que assim como a escola e a vizinhança são os locais da vitimização direta dos jovens são também os locais onde mais testemunham violência. Essa pesquisa mostrou mais que não há diferença de gênero no testemunhar a violência: moça e rapazes testemunham igualmente a violência e essa experiência parece ser mais freqüente do que o padrão observado nas 10 cidades brasileiras. Em Denver e em Cleveland entre 73% e 78% assistiram a assaltos, entre 30% e 46% assistiram alguém ser esfaqueado, entre 37% e 62% alguém levar um tiro e entre 16% e 21% algum tipo de abuso sexual. Esses altos percentuais se repetem em outras pesquisas estadunidenses.

Uma explicação para essa maior exposição a violência nos Estados Unidos onde essas ocorrências policiais sendo menos freqüentes do que no Brasil estaria em diferenças nos grupos estudados. O survey trabalha com uma amostra representativa da população nas cidades pesquisadas enquanto as pesquisas estadunidenses se referem a amostras de jovens em algumas escolas, em geral em áreas de grande criminalidade, sendo a única exceção a pesquisa do National Institute of Justice que toma a cidade de Chicago como um todo. As pesquisas limitadas a jovens tendem a dar números muito superiores aos de adultos, como já evidenciado no survey, quando a isso se acresce o fato de serem moradores em áreas de maior conflito. Esse segundo fator também eleva mais a exposição a violência, como demonstrado no estudo de Chicago que mostrou que a exposição a violência é maior naqueles bairros com maior número de ocorrências policiais: enquanto nos bairros mais violentos 35% dos jovens testemunharam tiroteios em bairros de baixa taxa de ocorrências apenas 2% dos jovens tiveram essa experiência.

É possível que essa violência que testemunham e da qual, às vezes também são vítimas, não seja a pior violência. Quando perguntados sobre quais crimes consideram mais graves e que sempre deveriam ter punição verificamos que são os mesmos que os atingem ou aqueles que mais temem: o estupro, o homicídio, o seqüestro, o latrocínio, o roubo. São os crimes que colocam a vida em risco, são os crimes violentos, cometidos contra a pessoa que sempre deveriam ter punição: o estupro (70%), o seqüestro (48%) e o homicídio (46%).

Se são os crimes contra a vida os que deveriam ter prioridade para punição, a violência que mais incomoda é aquela provocada pela ação dos "bandidos", seguida da violência interpessoal e da polícia. A violência da polícia é mais importante para os mais jovens, que como visto anteriormente são também o grupo mais exposto a

experiências negativas com as polícias. A violência na família, no trânsito, na escola e no bairro seriam menos importantes em termos de causar desconforto. A violência no trânsito incomoda as pessoas de mais idade mas não os mais jovens. A violência familiar, apontada com frequência pela literatura como um dos fatores responsáveis pela violência fora da família parece ser relativamente ignorada pelos entrevistados, como o é a violência dentro do bairro - o principal local de exposição a violência. Assim a violência que mais incomoda parece ser aquela provocada pelo outro- desconhecido e não por aqueles que estão próximos.

Quadro 3- A violência que mais incomoda por faixa etária

Aqui estão alguns tipos de violência que podem acontecer no dia a dia.

Qual delas, na sua opinião, mais incomoda as pessoas?

SÃO PAULO	IDADE				
	TOTAL	16-24	25-34	35-49	50 e mais
	%	%	%	%	%
VIOLÊNCIA DOS BANDIDOS	42	36	44	41	47
VIOLÊNCIA DA POLÍCIA	17	28	19	12	11
VIOLÊNCIA ENTRE PESSOAS	15	17	16	21	7
VIOLÊNCIA NO TRÂNSITO	9	6	7	9	13
VIOLÊNCIA NA ESCOLA	7	6	3	8	10
VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA	5	3	7	4	5
VIOLÊNCIA NO BAIRRO	4	5	3	4	4
NENHUMA DESTAS/ OUTRAS	1	0	0	1	1

N=500

Fonte: NEV/MJ, 1999

As conseqüências da violência no bairro

Como visto anteriormente, a maior exposição a violência se dá dentro do próprio bairro, nas proximidades da moradia, porém isso parece ser ignorado pelos entrevistados. Segundo a literatura sobre violência, a violência no bairro tem diferentes impactos sobre a população moradora e até mesmo aquela que presta serviços a essa população⁴- afetaria diferentemente jovens e crianças. Os jovens em situação de risco, que testemunham a violência e que são vítimas dela, dependendo da situação familiar podem se tornar vitimadores⁵. A resistência a essa violência vai depender do tipo de suporte que os jovens têm dentro da família, da comunidade e da própria competência pessoal (Howard, 1996) e do grau de integração da

⁴Meck e Ware (1996) mostram que assistentes sociais que atuam nessas áreas têm muita dificuldade em ter empatia pelos moradores, como se a ameaça representada pela violência do bairro as tornassem mais insensíveis aos problemas dos moradores.

⁵Assis (1994) observou o mesmo fato em relação a jovens infratores no Rio de Janeiro: "reproduzem a diáde vítima-agressor", são vítimas e também vitimam.

família na comunidade: se esses jovens forem bem integrados na vida da comunidade aumenta a sensação de proteção, reduzindo-se a percepção de risco a despeito da ameaça real (Rountree e Land, 1996).

As áreas de violência crônica, onde as pessoas são submetidas a verdadeiras guerras entre bandos de traficantes, ou entre a polícia e os traficantes, onde as famílias chegam a ter que ficar trancadas por dias dentro das casas até que o conflito cesse, espera-se que parte da população apresente sintomas de síndrome pós-traumática. Quando a violência é crônica esses efeitos são ampliados e de difícil tratamento, pois o conflito nunca acaba: a paz não se efetiva e as pessoas não têm chance de se recuperar. Nesses contextos é possível que periodicamente surja maior apoio para políticas duras (pena de morte, ações violentas pela polícia etc.) ou tentativas de captura da segurança pública pelos setores privados com maior poder de pressão. A violência tem então conseqüências sociais, psicológicas e econômicas. Os crimes violentos estão associados a contextos onde há: - uma desorganização social- entendida como pouca participação em atividades coletivas- pouca filiação a igrejas, onde há muita mobilidade de moradores;- desemprego,- forte densidade populacional, e portanto aos - centros urbanos (Kpsowa et al 1995). Associa-se a essas áreas um série de problemas: fuga das famílias em melhor situação econômica (Taylor,1995); insatisfação com o bairro, baixa ligação com o lugar, a sensação de comunidade, a identificação com os outros, a disponibilidade para ações coletivas, a cooperação e maior o medo e a desconfiança entre as pessoas e menor é o potencial para organização coletiva. Nessas condições também há menor controle social, pois maior a violência em um bairro maior será: a desconfiança em relação a pessoas estranhas e a tendência a evitar a área quer como local de moradia, de trabalho, de circulação ou de lazer. (Liska e Bellair, 1995 e Taylor 1995). Aumentando o medo, as pessoas estabelecem estratégias de sobrevivência que restringem os contatos interpessoais. As famílias que não têm condições de fugir se isolam- limitam os contatos com a comunidade, se retiram da vida coletiva e se fecham na vida doméstica.. Quanto menos contato há entre as pessoas maior é a probabilidade de que haja suspeição. Essa afeta a participação coletiva, e menor é a probabilidade de se desenvolver capital social (Putnam, 1994)⁶. Sem participação das pessoas na busca de soluções para os problemas da

⁶Capital social se constitui a partir do maior contato entre membros de uma comunidade em atividades cooperativas e resulta em maior solidariedade entre as pessoas e em maior espírito público. Essa maior confiança entre os membros da comunidade tem

comunidade, maior é o declínio desta. Outro efeito perverso decorrente da impossibilidade de saírem de uma área violenta previsto na literatura seria uma perda da sensibilidade em relação a violência e até a sua aceitação como um fato normal (Mithe,1995 e Crane, 1991): a violência passaria a ser percebida como um "fato da vida".

O medo levaria as pessoas a adotarem estratégias de proteção que empobrecem ainda mais a vida coletiva. As pessoas mudariam suas rotinas, evitando circular por certos lugares, adotando equipamentos de segurança individual. Mudariam também o estilo de vida: evitariam usar transporte público, retiram-se da vida coletiva, reduzindo sua participação nas atividades coletivas. O medo fortalece ainda preconceitos e estereótipos. As pessoas desconfiariam mais dos jovens, estranhos e pobres.

A fuga das famílias em melhores condições econômicas e sociais teria um efeito perverso de empobrecer os modelos de relacionamento interpessoal, familiar e social, de perfil profissional, de ascensão social reduzindo a diversidade de valores aos quais os moradores que permanecem estão expostos ou têm contato. Isso afetaria principalmente os grupos mais jovens diminuindo o repertório de modelos de carreiras bem sucedidas, dentro do sistema de oportunidades legítimas, à disposição dos jovens sendo contrapontos à presença dos modelos de sucesso no sistema ilegal.

Se a violência vivida na vizinhança sobre o relacionamento coletivo possivelmente influi sobre a solidariedade e as relações entre as pessoas e até mesmo sobre a possibilidade de existir um sentimento de comunidade, pesquisou-se no survey o que as pessoas percebem como sendo as estratégias de auto-proteção em relação a violência. O que mudaria no comportamento das pessoas como resultado da exposição a violência? Os dados mostram que o que mais freqüentemente se altera com a violência é "circular pela cidade a noite". Esse é um comportamento adotado principalmente pelos entrevistados com mais idade. Os mais jovens combinam "evitar circular a noite" (41%) com "evitar áreas/ruas da cidade" (33%)e até mesmo "alterar trajetos" (23%).

A literatura sobre violência prevê que quanto maior a violência no bairro menor será a identificação dos moradores com o bairro, menor a sensação de pertencer a uma coletividade e menor o envolvimento

também efeitos sobre o poder que os cidadão sentem em relação aos políticos em especial na crença que têm de poderem controlar a ação dos políticos.

afetivo e o compromisso como local o que impediria o desenvolvimento de um capital social. Os dados do survey não corroboram essa previsão. Os entrevistados, ao contrário do esperado, revelam-se integrados em seus bairros, expressando a existência de uma valorização de sua vizinhança, percebendo seus vizinhos como cooperativos, solidários e confiáveis. Essa afiliação positiva ao bairro parece crescer com a idade: há mais consenso entre os entrevistados de mais idade do que entre os jovens. Como são os mais jovens o grupo mais atingido pela violência os dados sugerem que a violência no bairro pode não ter um impacto homogêneo sobre os moradores mas esse impacto pode ser mediado pela maior ou menor proximidade com a violência, nesse caso quanto maior seria exposição a violência maior seria o efeito sobre os vínculos com o bairro. Se isso for verdade a maior violência experimentada pelos mais jovens estaria afetando sua afiliação ao bairro e isso reduziria a potencial do bairro de ser um elemento de proteção contra os efeitos da violência.

Quadro 4- Percepção do bairro por faixa etária

Eu vou citar uma série de frases e para cada uma delas gostaria que dissesse se o(a) sr(a) concorda, discorda, ou se a frase lhe é indiferente:

SÃO PAULO

	IDADE				
	TOTAL	16-24	25-34	35-49	50 e mais
	conc. total %	conc. total %	conc. total %	conc. total %	conc. total %
Eu me orgulho de morar no bairro onde moro	67	54	60	68	86
O governo pode contar com ajuda dos moradores do meu bairro para diminuir a violência	62	57	57	61	74
Eu costumo dizer que moro num lugar muito bom para se viver	61	47	53	64	82
Eu considero várias pessoas do meu bairro como bons amigos	60	47	57	58	81
Se eu precisar de ajuda posso contar com várias pessoas no meu bairro	60	50	53	64	73

N=500

Fonte: NEV/MJ, 1999

A exposição a violência e o medo que ela evoca, podem levar as pessoas a defender medidas radicais de autodefesa. Podem, por exemplo, encorajar as pessoas a defender medidas extremas, tornando-as menos tolerantes com diferenças e mais defensoras de controles rígidos, ou punições sumárias estimulando ainda maior suspeição contra os que são diferentes. Uma das maneiras de se investigar essa previsão foi indagar dos entrevistados que medidas de controle que podem ser aplicadas em um bairro. As respostas mostram que a tolerância com a diferença não parece ser afetada. Os entrevistados de todas as idades defendem que a composição de um bairro deve ser heterogênea em termos de classe social,

religião, idéias políticas, raça e cor. A defesa da heterogeneidade é mais forte entre os entrevistados das faixas de idade médias, sugerindo que essa tolerância com a diversidade é algo que vem acompanhando as novas gerações.

A exposição à punição corporal

Outro tipo de exposição a violência- aquela que ocorre dentro do família quer entre os pais quer desses com os filhos tem sido apontada pela literatura como uma das várias causas da violência. A pesquisa survey abordou um desses aspectos da violência privada- a experiência dos entrevistados com a punição corporal. Isso porque a literatura sobre o tema revela que o uso da punição corporal propicia um tipo de aprendizagem social que acaba por definir um "ciclo de abusos" (Mueller, 1995). Ao sofrerem castigos físicos as crianças aprenderiam um repertório de ações agressivas. Assim pais que foram punidos fisicamente quando crianças tenderiam a punir fisicamente seus filhos.⁷

Essa foi a mesma conclusão de Fry (1992) que comparou os processos de disciplina de crianças usados duas tribos de índios Zapotec no México que se caracterizavam por apresentar padrões de agressividade distintos. As diferenças entre as duas tribos decorriam de diferenças nas práticas disciplinares e nas formas de relacionamento entre os adultos. As crianças aprendiam repertórios de comportamento não só pelo o que os pais faziam com elas mas também pelo que observavam do modo dos adultos se relacionarem. Assim as crianças imitavam o comportamento dos pais. O que era comportamento aceitável pelos adultos passava a fazer parte do repertório de comportamento das crianças. Se na família a agressão verbal e agressão física fossem padrões de comportamento aceitáveis a criança adotaria os mesmos padrões. A experiência de punição não é um fator neutro mas pesquisas demonstram que há uma relação entre ser vítima de punição corporal na infância e agressividade futura. As conseqüências são intensas e duradouras - afetam mais de uma geração. A literatura mostra é que esse tipo de punição ocorre, com maior freqüência em certos contextos: em especial em famílias onde há episódios de violência entre os pais, onde as famílias são monoparentais e onde a mãe trabalha fora. Nas famílias onde há violência entre os pais, também há maior problema de relacionamento entre pais e filhos,

⁷ Pensava-se que crianças que sofrem mais punição física fossem crianças mais "difíceis"- por exemplo agressivas ou hiperativas e que levariam os pais a se descontrolarem. As pesquisas de Mueller (1995) mostraram que ao contrário a maior freqüência de punição é que causa a maior atividade e agressividade nas crianças.

há pouco diálogo entre os irmãos, há pouca brincadeira entre eles, e pouco lazer familiar. Não surpreende, então, que Assis (1991) tenha observado que a maior violência doméstica está presente naquelas famílias onde é pior o relacionamento entre as pessoas.

Lares violentos são lares onde as necessidades de proteção e de segurança das crianças não são satisfeitas (Afolayan, 1993). Isso afeta o desenvolvimento emocional das crianças, a participação delas na sociedade e as relações que estabelecem na escola. Esses aspectos vão agravar a sensação de instabilidade para os jovens e aumentar a ansiedade e o stress deles, diminuir sua competência social e afetar o modo como resolvem conflitos (Mathias et al., 1995). Nesses lares as mães tendem a ter menos condição psicológica para controlar a raiva ou a depressão. Essas são emoções que vão encorajar ou a agressividade ou a submissão dos filhos e que terão repercussão nas condutas deles nas escolas (Wall e Holden, 1994). Isso irá prejudicar a adaptação deles a escola (Jaffe et al, 1986) em especial a integração e a interação com colegas (Novy e Donohue, 1985) afetando o desempenho escolar dos filhos, por exemplo, reduzindo a capacidade deles se concentrarem. Em parte porque as crianças de famílias violentas são crianças estressadas. Para alguns autores⁸ a violência familiar tem mais impacto sobre as crianças e jovens do que a violência no bairro, pois comprometeria o desenvolvimento afetivo e cognitivo deles e não só seu desempenho na escola mas a vida futura inclusive definindo inclusive o padrão de relacionamento familiar que terão no futuro (Hemenway, 1994 e Henning et al, 1996).

O que não se pode deixar de sublinhar são as conseqüências do uso da violência como forma de punição dentro da família. O relacionamento dos pais com os filhos tem um outro aspecto importante para a questão da violência tanto no delito quanto nas relações interpessoais: essa relação pode impedir a delinqüência juvenil ou encorajá-la. Pais que têm um bom relacionamento com seu filhos, que acompanham suas vidas, conhecem seus amigos, que supervisionam como é gasto e com quem é gasto o tempo livre de seus filhos, ou seja pais que têm vínculos fortes com seus filhos são pais que tendem a ter menos problemas com seus filhos em termos do envolvimento deles com delinqüência juvenil ou com "gangs": não basta então os pais supervisionarem as atividades dos filhos é necessário que essa supervisão seja parte

⁸Du Rant et all (1994).

de uma boa relação⁹. Segundo Emler e Reicher (1995) é esse vínculo com os pais, baseado no afeto, na estima e no respeito mútuo que dá sentido ao bom comportamento dos jovens. Jovens que não se envolvem com “gangs” e em comportamentos violentos são jovens que não querem magoar os pais por que sentem um compromisso, uma responsabilidade por eles. O bom vínculo com os pais seria um forte obstáculo a atos infracionais. Mas esse compromisso é conquistado através do respeito mútuo, algo que exclui a presença da violência dentro da família.

A violência doméstica não é, em geral, encarada como um problema pelos jovens que são vítimas dela, ao contrário a literatura internacional mostra que ela é normalizada como sendo parte da linguagem familiar. A primeira consequência da violência familiar é que ela afeta a visão de mundo, o desenvolvimento moral e o mapa social desses jovens (Garbarino et al, 1991), principalmente quando essa violência é acompanhada de separações, de pobreza e de discriminação. A violência doméstica afeta o raciocínio moral de crianças vítimas de violência e não-vítimas difere: aqueles que são vítimas e que são violentos têm uma percepção enviesada - seus julgamentos do que é justo e do que é violência são marcados pela própria experiência- situações de provocação são percebidas como imorais que justificam “dar o troco” com violência e isso irá afetar suas relações interpessoais.

Assim a experiência de serem vítimas de violência os torna mais sensíveis a perceberem diferentes situações como provocações às quais devem responder de forma violenta (Astor, 1994). Hammond e Yung (1993) em revisão da literatura sobre as raízes da violência associam-na a auto-afirmação entre jovens negros nos Estados Unidos: maior a agressividade dos jovens maior a sua a rejeição por outros grupos. Os jovens violentos respondem a essa rejeição com mais comportamentos anti-sociais na tentativa de recuperarem a auto-estima ferida pela rejeição. Os jovens vitimados e vitimadores tendem, com maior frequência, a terem uma baixa auto-estima e maior necessidade em preservar a auto-imagem: muitas brigas e homicídios resultam de disputas por motivos fúteis e relacionados com a manutenção do respeito de outros.

Wilson e Daly (1988) em seu estudo sobre homicídio identificaram que 46% deles foram motivados por retaliações por discussões ou brigas; 16% por competição exacerbada e 12% por ciúmes. A

⁹ Sampson e Laub, 1994; e Forgatch, 1994.

preservação da auto-imagem frente ao grupo de referência é então um poderoso combustível de violência fatal. A percepção desses jovens também é enviesada no que se refere a avaliação que fazem do crime: os agressores são percebidos como merecendo forte respeito, como indivíduos que defenderam a honra da família ou de amigos e não como traficantes e assassinos.

Isso é facilitado pela forma como esses indivíduos mais agressivos percebem suas vítimas e os agressores: as vítimas são percebidas como não sofrendo e os agressores são percebidos como sendo pessoas estranhas (desconhecidas) e ou a polícia, ou seja os jovens violentos subestimam os danos que a violência provoca em suas vítimas e desconhecem que as principais agressões ocorrem entre conhecidos. Eles também tendem a crer mais que ter uma arma em casa lhes dá segurança. Uma maior exposição à violência dentro da família irá agravar o quadro descrito acima, pois aumenta a ansiedade e a impulsividade dos jovens. Quando seus pais têm baixa escolaridade essas crenças errôneas sobre violência e segurança têm mais impacto sobre a violência dos jovens.

A pesquisa survey mostrou que a experiência da punição física parece ter sido uma experiência comum entre os entrevistados: em média 76% deles apanhou quando criança, sendo que 15% sofreu punição quase todos os dias. Punição física regular (quase todos os dias, uma vez por semana, ou uma vez por mês) atingiu 1/3 dos entrevistados. Para se entender a natureza dessas punições é necessário saber como eram aplicadas: um tapa tem, em geral, um potencial de dano inferior ao uso de objetos duros capazes de causar mais malefícios à criança. O uso de objetos com potencial de machucar as crianças parece aumentar com a idade do entrevistado sugerindo que essa, talvez seja uma prática em desuso mas que enquanto ocorreu pode ter se tratado não apenas "bater" mas de "surras" que beiram o abuso corporal.

Quadro 5- Com o que apanhava quando criança por faixa etária

Com o que o(a) sr(a) costumava apanhar quando criança?

SÃO PAULO	TOTAL %	IDADE			
		16-24 %	25-34 %	35-49 %	50 e mais %
Com a mão,	44	52	42	37	47
Com o chinelo,	43	49	49	38	34
Com uma vara ou um cinto, ou	50	37	52	58	52
Com um pau ou outro objeto duro	11	11	14	10	9

N=500

Fonte: NEV/MJ, 1999

A possibilidade que, em algumas situações, o uso da punição física se aproxime de tipos de abuso e de violência extremada, sugere que parte dos entrevistados possa ter sofrido tipos de disciplina doméstica violenta e que tenham incorporado a aceitação do uso da violência física como resposta aceitável de resolver conflitos ou como forma de disciplinar outros. Como mostrado acima, o uso da punição física tem reflexos sobre o comportamento futuro daqueles que são por ela vitimados. Examinou-se como os entrevistados reagem ao uso da violência por parte de seus filhos bem como quais comportamentos punitivos teriam em relação a eles caso seus filhos apresentem desvios de comportamento.

O uso da punição corporal para se obter "bom comportamento" das crianças é amplamente rejeitado 81% discorda do uso da punição corporal mesmo que se trate de crianças desobedientes. Essa rejeição é muito mais forte do que a expressa por entrevistados em pesquisas realizadas nos Estados Unidos. Cohen e Nisbett (1994) relatam pesquisas que comparam a reação de moradores em duas regiões dos Estados Unidos: o Sul e o não Sul e que mostram que no Sul 36% dos entrevistados concordam totalmente com a frase: crianças desobedientes têm que apanhar bastante. Esse percentual é significativamente mais alto do que o encontrado nos outros estados - 25%. Isso leva esses autores a examinarem a hipótese de que no Sul dos Estados Unidos, haja uma cultura mais favorável ao uso da violência física como forma de controle social.

Se a violência é rejeitada como forma de se disciplinar crianças o que ocorreria em um contexto específico: por exemplo com crianças e jovens que apresentem mau comportamento na escola? Os pais não podem bater e menos ainda os professores (98% de injusto) ou por destruição de equipamento escolar (95% de injusto). Mesmo que os alunos tenham agredido o professor -78% acham injusto que o professor revide a agressão. desobedientes, nos alunos quer por desobediência quer por destruição de equipamento escolar.

Expectativas em relação aos filhos

O que os pais esperam das crianças e dos jovens quando eles são vítimas em conflitos com colegas? Há uma expectativa de que as crianças e jovens revidem a uma agressão física ou recuem dela? Os entrevistados se dividem entre duas posturas: "procurar uma autoridade" (40%) e recuar (39%). Revidar a agressão é algo rejeitado pela maioria dos entrevistados (19%- apoia essa alternativa). Observa-se

também que a atitude favorável ao revide está presente entre os mais jovens onde cerca de 1/3 apoia que o filho revide a agressão. Resta saber se os jovens que apoiam o revide são também aqueles que mais foram punidos fisicamente e se há alguma relação entre essas variáveis e maior exposição a violência.

Quadro 6- Revidar ou evitar agressão por faixa etária

Seu filho é provocado na escola por colegas e chega em casa com o nariz sangrando.

O que o(a) sr(a) espera que ele faça?

	TOTAL	IDADE			
	%	16-24 %	25-34 %	35-49 %	50 e mais %
Procure uma autoridade	40	34	38	44	43
Evite novas brigas,	39	33	43	40	41
Evite novas brigas, mas se provocado bata de volta, ou	15	23	16	9	12
Bata em quem bateu nele,	4	8	2	3	2
Nenhuma destas	2	1	2	4	3
Não sabe/ Não opinou	1	1	0	1	0

N=500

Fonte: NEV/MJ, 1999

É interessante observar que as pesquisas realizadas nos Estados Unidos mostram que no Sul do país - uma região que se diferencia do resto do país pelas altas taxas de violência interpessoal, e por uma maior aplicação da pena de morte (o que tem levado os pesquisadores americanos a buscarem identificar as variáveis culturais que possam explicar essas diferenças)- e onde predomina uma cultura da legítima defesa, o revide é apoiado por 38% e evitar novas brigas é apoiado por 68% dos entrevistados. Nos estados do Norte dos Estados Unidos essas freqüências são ainda mais significantes: 24% apoiam revidar a agressão e 76% defendem que se evitem novas brigas.(Cohen & Nisbett, 1996).

É esperado que as pessoas dêem diferentes respostas dependendo do grau de contextualização da pergunta. Por exemplo, no caso do uso da punição física não seria surpresa se ao serem solicitados a definirem como se comportariam frente a situações específicas que haja mudança no padrão de resposta. Quando perguntados sobre o que fariam em relação a série de problemas de comportamento de seus filhos verifica-se que a alternativa mais adotada seria "conversar muito". Em segundo lugar buscariam ajuda profissional naqueles tipos de comportamento de desvio que mais percebem como ameaçadores: consumo de drogas, furtar, mentir e grafitar. Porém, surpreende a freqüência de resposta: "bater muito" e até mesmo "chamar a polícia". Bater muito é uma alternativa menos rejeitada do que seria esperado pelas respostas que os entrevistados deram à pergunta sobre o uso do bater "para corrigir uma criança desobediente".

Três situações parecem provocar a punição física: grafiteagem, pequenos furtos e uso de drogas. Essas são também as situações que mais levariam os pais a procurarem ajuda profissional e até mesmo a polícia. Há algumas diferenças nas respostas dos entrevistados por faixa etária e por cidade. Os mais jovens são os que com mais frequência "proibiriam assistir TV ou estar com amigos" provavelmente por que identificam essas interdições como tendo um caráter mais punitivo do que os grupos mais idosos.

O furto em lojas e o uso de maconha parece ser interpretado mais como um problema de desajuste psicológico do que um indicador de problemas com a autoridade e leis. Esses são problemas que parecem ser percebidos como fugindo ao controle e competência dos pais daí resultaria o percentual de respostas de buscar ajuda profissional. Já a grafiteagem parece ser interpretada como um problema de comportamento que poderia ser corrigido com além de conversar- bater. Proibir ou restringir o uso de televisão e o acesso a amigos são punições bem menos freqüentes e adotadas como punição por mau comportamento na escola.

É interessante observar que o uso da punição física, admitido pelos entrevistados do survey, ainda é inferior ao defendido por entrevistados nos Estados Unidos. Dados de Cohen e Nisbett (1996) mostram que 67% dos entrevistados no Sul dos Estados Unidos e 45% dos outros estados respondem que "bateriam muito" no filho se ele fosse pego furtando pequenas coisas em um supermercado. Ou seja pareceria que, nos Estados Unidos, a violência como forma de punição seria mais aceita do que no Brasil. O que sugere ser os Estados Unidos uma sociedade mais punitiva que a brasileira. Como conciliar essas diferenças na aprovação da violência como forma de punição com as taxas de violência expressas pelas taxas de crimes violentos? Há duas¹⁰ vertentes a examinar nesse survey, os valores e normas em relação a violência, as causas atribuídas a violência.

Os valores e as normas em relação a violência/agressão

O uso da força é algo considerado aceitável pelos entrevistados? Se sim, quais são as condições nas quais esse uso seria visto como legítimo? Disputas, conflitos interpessoais, insultos podem ser resolvidos ou reparados pelo uso da agressão física? A maioria dos entrevistados considera injusto o uso da

¹⁰ Uma terceira linha de análise não apresentada aqui trata da reação dos entrevistados às instituições encarregadas de aplicar as leis.

força física em para resolver disputas e ou reparar danos causados por ofensas contra eles ou sua reputação ou de seus familiares. Em nenhuma dessas circunstâncias seria correto o uso da força. Deve-se notar que o grupo mais jovem aparenta ser menos coeso na rejeição ao uso da força física para reparar danos e ofensas. Assim esse grupo aparenta ter alguma disposição para aceitar certas formas de agressão física como legítimas. Um em cada 3 jovens acha justo que se agrida alguém que ofendeu a mãe deles, 1 em cada 4 acha justo agredir quem mexe com a namorada e 1 em cada 5 que se agrida quem suspeita de sua honestidade. Dentre os mais jovens encontram-se, então alguns mais vulneráveis a responder a insultos e agressões verbais ou a comportamentos que julguem ofensivos como uso da força. Essa susceptibilidade não é desprezível, pois não só de fato estão mais expostos à violência como a agressão mais freqüente é agressão verbal: 30% deles citaram que foram agredidos com palavras de baixo calão nos 12 meses que antecederam a pesquisa. Dado que esse também é o grupo que mais relata ter menos autocontrole, (como será tratado a seguir) é possível que as oportunidades para conflitos que se tornam confrontos violentos não sejam desprezíveis.

Quadro 8- Uso da força física por faixa etária

E numa situação em que uma pessoa insulta outra, na sua opinião, é justo ou não é justo que a pessoa que sofre o insulto agrida a outra fisicamente:
SÃO PAULO

	IDADE				
	TOTAL	16-24	25-34	35-49	50 e mais
	justo %	justo %	justo %	Justo %	justo %
Só quando a outra xingou a mãe	18	34	18	7	14
Só quando a outra MEXEU com o namorado ou a namorada, o esposo/a	14	24	10	6	15
Só quando a outra XINGOU o namorado ou a namorada, o esposo/a	13	22	10	6	16
Só quando a outra disse que ele ou ela era ladrão ou ladra	10	19	6	7	7
Só quando a outra disse que ele não era homem, ou que ela não era mulher	8	18	7	2	6
Em qualquer situação	6	8	6	4	6
Só quando a outra disse que ele ou ela era mentiroso ou mentirosa	5	12	4	2	4

N=500

Fonte: NEV/MJ, 1999

Quando comparados com entrevistados nos Estados Unidos verifica-se que lá há mais aceitação do uso da agressão física nessas situações de insultos e ofensas do que entre os entrevistados do survey. Essa maior aceitação ocorre tanto no sul dos Estados Unidos quanto em outros estados. Nos Estados Unidos (Cohen e Nisbett, 1994) há menor predisposição para se agredir alguém porque mexeu com a namorada/esposa (aceito como justo por 10% dos sulistas e por 3% nos outros estados), porém há maior

aceitação que se agrida alguém que questionou a virilidade do entrevistado (justo para 26% dos sulistas e 18% dos não sulistas) ou porque teve a honestidade questionada -foi chamado de mentiroso- (12% sulistas e não sulistas). Se os entrevistados do survey não apresentam maior aceitação da agressão física para reparar danos a sua auto-estima, do que entrevistados dos Estados Unidos, como se comportam em relação a situações mais ameaçadoras?

A violência, se usada para se garantir a integridade física pessoal ou da moradia, seria mais justa do que aquela para defender a honra. Já a violência para obter a obediência de outros é rejeitada como injusta -corroborando a rejeição do uso da punição corporal para se obter "bom comportamento". Há algumas diferenças entre grupos etários: usar a violência para se defender ou defender a própria casa é mais justo para os mais jovens do que para os mais velhos, enquanto a violência para defesa da honra é mais aceita pelos entrevistados de mais idade. Esse dado se soma a outros que apontam para diferenças entre gerações nos valores em relação a violência.

Quadro 9- A violência justa e a injusta por faixa etária

As pessoas têm diferentes idéias sobre o que é justo e injusto. Para o(a) sr(a) é justo ou injusto :

SÃO PAULO

	IDADE				
	TOTAL	16-24	25-34	35-49	50 e mais
	justo %	justo %	Justo %	justo %	justo %
Usar violência para proteger a si mesmo ?	41	53	35	36	42
Usar violência para proteger sua casa ?	41	51	39	36	42
Usar violência para defender a sua honra ?	39	40	31	34	52
Usar violência para que outros obedeçam ?	5	4	9	5	8

N=500

Fonte: NEV/MJ, 1999

Mediu-se também o quanto os entrevistados concordam ou discordam que haja um direito de se usar a violência em situações muito específicas. De modo geral os entrevistados concordam muito que tirar a vida de alguém em defesa da família é um direito até mais unânime do que a defesa da própria vida. Porém os entrevistados rejeitam do direito de usar a violência fatal para defender bens (que é diferente de defender a casa) ou para reparar danos causados por disputas ou traições amorosas. Usar da violência para resolver disputas afetivas e/ou reparar danos causados por traições também é um tipo de uso da violência muito rejeitado pela maioria dos entrevistados. Além disso rejeitam de modo quase unânime que a "

violência possa prevenir a violência". A posse de armas também é rejeitada pela maioria dos entrevistados como fonte de segurança, quer pessoal quer de suas casas.

Em termos gerais novamente são os mais jovens aqueles que mais aceitam o direito de matar em legítima defesa, é também o que mais aceita matar em defesa dos bens. Os entrevistados mais jovens se diferenciam dos outros grupos ainda por não rejeitarem de modo unânime o uso da violência nas disputas afetivas, o uso da violência para prevenir a violência e a eficácia do uso/posse de armas. Quase 1/5 dos jovens concorda muito que uma mulher infiel ao marido deve apanhar, os dados, sugerem que a rejeição ao uso da violência nas relações afetivas cresceria com a idade. Isso seria coerente com o visto até o momento- menor rejeição da violência entre os mais jovens como uma regra. Isso aponta para a possibilidade de que o processo de amadurecer implica também no desenvolvimento de um maior auto controle em relação a impulsos agressivos.

No tópico "crenças sobre o uso de armas", cabe uma ressalva: dentre os poucos que acreditam na eficiência das armas estão dois extremos- os mais jovens e os mais velhos. Essa crença na eficiência das armas para auto proteção ainda é muito inferior àquela observada nos Estados Unidos, onde 37% dos entrevistados nos estados do Sul e 18% dos entrevistados em outros estados dizem concordar muito que "Ter uma arma em casa torna a casa mais segura". Os jovens entrevistados se aproximam desse percentual de aprovação (23% concorda muito e 11% concorda em parte- 28% de concordância). Assim, como referido anteriormente, há uma série de crenças mantidas por grupos de jovens que aumentam a vulnerabilidade deles a situações de violência: acreditar que a violência é justa, que é um tipo de retribuição que funciona como uma de se reparar danos a auto-estima, removendo as marcas de insultos e ofensas é estar mais disponível para responder a provocações com violência.

Quadro 10- Crenças sobre o uso da violência

Para cada uma das frases que eu citar, gostaria que o(a) sr(a) me dissesse se o(a) sr(a) concorda, discorda, ou se a frase lhe é indiferente:

SÃO PAULO

Auto defesa

Uma pessoa tem o direito de matar outra para se defender
 Uma pessoa tem direito de matar para defender sua família
 Uma pessoa tem direito de matar para defender seus bens

	IDADE				
	TOTAL	16-24	25-34	35-49	50 e mais
Cda total %	cda total %	cda total %	cda total %	cda total %	cda total %
Uma pessoa tem o direito de matar outra para se defender	42	47	38	42	40
Uma pessoa tem direito de matar para defender sua família	42	46	40	41	42
Uma pessoa tem direito de matar para defender seus bens	21	26	18	18	24

Com freqüência é necessário usar a violência para prevenir a violência	6	9	6	6	3
<u>Relações afetivas</u>					
Um homem tem direito de agredir outro homem que esteja tentando seduzir sua mulher	11	17	9	7	11
Se um homem foi infiel a sua mulher, ele merece apanhar	14	20	15	12	10
Uma mulher tem direito de agredir outra mulher que esteja tentando seduzir seu marido	11	18	8	7	10
Se uma mulher foi infiel ao seu marido, ela merece apanhar	13	19	12	12	11
<u>Armas</u>					
Ter uma arma em casa torna a casa mais segura	10	23	6	6	8
Carregar uma arma faz com que a pessoa esteja mais Segura	6	14	4	3	2

N=500

Fonte: NEV/MJ, 1999

As comparações com os dados estadunidenses como os dados do survey mostram que o padrão do que seria violência fatal aceitável no Brasil seria semelhante ao padrão estadunidense: lá como aqui há maior consenso quanto ao direito à defesa da família seguido da defesa própria e por fim a defesa dos bens. O que difere é o grau de concordância: há uma concordância mais forte entre os entrevistados nos Estados Unidos do que entre os entrevistados do survey quanto a legitimidade do direito de uso da violência fatal. No Sul dos Estados Unidos, matar em defesa da família recebe 80% de forte aprovação enquanto nos outros estados esse gesto é aprovado por 67% dos entrevistados. Matar em defesa própria é aprovada por 70% dos sulistas e por 57% dos moradores em outros estados. Matar em defesa dos bens é aprovado por 36% dos sulistas e 18% dos moradores de outros estados. (Cohen e Nisbett, 1994) Mais ainda, 54% dos sulistas e 52% dos respondentes de outros estados concordam que "com freqüência é necessário usar a violência para prevenir a violência". Esses dados são utilizados por Cohen & Nisbett (1994) para explorar hipóteses sobre a relação entre a crença na violência como forma de auto-proteção e a legitimação do uso da violência como forma de controle social. A forte crença no uso violência em auto defesa foi correlacionada por Cohen e Nisbett (1994) com as expectativas que os habitantes das duas áreas do país têm em relação a comportamentos dos filhos (e a respectivas práticas disciplinares) e com a avaliação que fazem do que seria violência legítima por parte da polícia.

No que se refere ao auto controle observa-se que os dados reiteram o sugerido acima, que o consenso sobre a capacidade dos entrevistados lidarem com situações tensas sem perderem o controle sobre suas emoções cresce com a idade. Enquanto apenas 45% dos mais jovens avaliam que "sempre" conseguem se controlar para não brigar 72% dos mais idosos dizem fazê-lo. Os entrevistados mais idosos

têm mais certeza que sempre se mantém em controle em situações de conflito. Os entrevistados têm mais certeza sobre a capacidade de se controlarem frente a uma criança e em situações de conflito em geral do que frente ao companheiro(a). A expressiva maioria também não apresenta uma hipersensibilidade a situações que poderiam ser interpretadas como de risco: ser machucado por alguém ou insultado. Novamente é entre os mais jovens que se encontra maior sensibilidade para responder negativamente a essas situações arroladas.

Quadro 11- Auto controle por faixa etária

Com qual destas freqüências o(a) sr(a), pessoalmente, acha que:
SÃO PAULO

	IDADE				
	TOTAL	16-24	25-34	35-49	50 e mais
	sempr e %	sempr e %	Sempr e %	sempr e %	sempr e %
Se preciso chamar atenção de uma criança conversa com ela sem gritar e bater	56	52	47	56	70
Controla-se para não brigar	54	45	48	54	72
Se tem um problema sério com seu(sua) esposo(a) conversa sem ficar zangado	38	31	31	36	58
Se machucado por alguém, acha que foi de propósito	4	8	4	3	4
Se insultado por alguém, parte para a briga	3	8	3	1	3

N=500

Fonte: NEV/MJ, 1999

Situações sociais tensas, situações que envolvem um potencial de conflito interpessoal e até mesmo de provocarem delitos, têm que tipo de solução/retribuição ou de reparo de danos aprovado? Foram apresentadas várias situações de conflito e até mesmo de vitimização para os entrevistados examinarem e avaliarem se aprovariam ou não as respostas dadas pelas próprias vítimas dessas agressões (ou seus parentes) aos responsáveis pela agressão. A maioria dos entrevistados não aprovaria uma reação mais agressiva (vingança) em resposta a um delito, mas um percentual ponderável entenderia uma resposta agressiva. Coerentemente com o que consideram ser um dos crimes que mais exigem punição, o "estupro de uma filha" poderia ser punido com atos de violência contra o agressor, até mesmo com a morte dele. A morte de um acusado de estupro, como vingança, é aprovada por mais de 1/3 dos entrevistados¹¹ (35%) sendo ainda que 39% deles "não aprova, mas entende" esse gesto. A "morte de pessoas que amedrontam um bairro" é a segunda situação mais aprovada (29% aprovam e 31% não aprovam mas entendem),

¹¹ Cohen e Nisbett (1996) mostram que nos Estados Unidos essa aprovação é de 47% nos estados do Sul do país e de 26% nos outros estados.

seguida de se "xingar alguém que fura uma fila" (24% aprovam e 45% não aprovam mas entendem). Ainda seguindo o padrão anteriormente descrito são os mais jovens aqueles que mais aprovam não só essas ações mas como também os que mais parecem predispostos a não rejeitar a eliminação de pessoas "indesejáveis" e o uso da violência física para reparar danos a auto-estima. Essas respostas reiteram que há entre os mais jovens um grupo que detém valores e crenças que admitem o uso da violência como forma de reparar danos e de resolver conflitos e disputas, mas as respostas também indicam que esse uso da violência não é um uso normalizado pelo grupo como um todo e que é até mesmo rejeitado por alguns dos jovens e pelos outros grupos etários.

Quadro 12- Agressões e violências justificadas

Eu vou citar algumas situações que o(a) sr(a) já pode ter presenciado, e que podem provocar uma reação nas pessoas. Para cada uma delas, gostaria de saber se:

SÃO PAULO

	TOTAL		IDADE							
	L		16-24		25-34		35-49		50 e mais	
	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
Se uma pessoa fura uma fila e alguém a xinga	24	45	28	47	22	48	21	51	24	42
Suponha q. uma pessoa machuque seriam. Quem transou com seu companheiro.	13	38	21	35	7	38	11	44	12	33
Suponha q. uma pessoa mate por vingança quem violentou a filha dele ou dela.	35	39	40	38	32	38	34	44	34	35
Se uma pessoa amedronta seu bairro e alguém a mata.	29	31	40	33	28	28	24	37	25	27
Se um grupo de pessoas começa a matar gente "indesejada"	13	19	20	21	11	20	12	18	9	19

A: Aprova

B: Não aprova, mas entende

N=500

Fonte: NEV/MJ, 1999

Deve-se enfatizar entretanto, que essas respostas de aprovação clara ou dúbia (não aprova, mas entende) da retaliação sugerem um substrato de aceitação de padrões autoritários que não pode ser ignorado. Várias das respostas de agressão são extremamente arbitrarias e definitivas. Não deixam a possibilidade de se reverter a retaliação e sua aceitação revela mais que necessidade de justiça, uma necessidade de vingança através da eliminação do outro percebido como fonte da agressão. Esse padrão de resposta sugeriria uma aceitação de padrões de justiça onde o dano exige reparação igual ao dano

provocado, tipo olho por olho dente por dente. Isso foi testado pedindo-se aos entrevistados para que discutissem essa expressão "olho por olho, dente por dente". A maioria (50%) discorda da frase apenas 16% apenas concordam e 1/3 dos entrevistados desconhece a frase, simplesmente não sabem do que se trata. A frase é menos conhecida dos mais jovens, 42% deles não sabe do que se trata. Os 16% que concordam com a frase provém de dois grupos extremos os mais jovens e os mais idosos. Nesses dois grupos 1 em cada 5 entrevistados concorda com a frase.

A aparente contradição entre as respostas a esta frase e às questões sobre os comportamentos de retaliação a agressões, a delitos e a situações que consideram ameaçadoras, pode ter várias explicações. A pergunta sobre a Lei de Talião pede aos entrevistados que discutam uma frase em abstrato, sem contextualização. Nessas condições é plausível que os entrevistados tenham mais controle emocional sobre suas respostas, em especial se tiverem alguma preocupação com o que imaginam que se pretendia obter como resposta. Ao discutirem a frase o fazem de modo racional sem terem que se identificar com nenhum lado. A questão relativa a aprovação/desaprovação de comportamentos específicos pede ao entrevistado que se identifique com um dos lados, parte da sugestão que ele/ela, entrevistado, pode em algum momento ter testemunhado e reagido a situações específicas. Aqui não só as situações de agressão são contextualizadas como se pede a eles que se coloquem no lugar de alguém. As respostas sugerem que eles assim o fizeram e que disso resultaram respostas com menor controle racional e portanto mais emocionais. A aparente contradição entre os diferentes padrões de resposta decorreria das diferenças na formulação das questões e do tipo de tarefa solicitada aos entrevistados.

Conclusões

Há indícios da existência de uma cultura da violência na sociedade brasileira? Os dados do survey não dão sustentação a essa afirmação. Os dados da pesquisa revelam que apesar de estarem expostos direta e indiretamente a violência, não se está desenvolvendo uma cultura de aceitação ou de tolerância a violência. A exposição a violência não está alimentando tampouco um alheamento do bairro ou um estranhamento entre as pessoas. Não diminui a confiança entre as pessoas ou a aumenta a intolerância com aqueles que são diferentes. E mais, apesar dos jovens serem os mais afetados por ela a violência parece não estar afetando seus valores, suas expectativas e aspirações em relação ao futuro.

O contato com a violência não parece então ser um elemento que leve a mais violência como consequência de uma perda de sensibilidade em relação a ela ou de sua banalização. Não aceitam a violência como uma forma de prevenir a violência, para retribuir (punir), para coagir ou para disciplinar. A única forma de violência aceitável pelos entrevistados é aquela de auto-proteção: em defesa da integridade física de membros da família ou de si mesmo e essa aceitação é menos forte do que o detectado nos Estados Unidos quer nos estados do Sul quer nos outros estados considerados, em geral, menos defensores do uso da violência.

De fato todas as comparações entre padrões de respostas a violência de pesquisas estadunidenses com os obtidos no survey apontam para uma menor aceitação da violência entre os entrevistados brasileiros: na forma de disciplinar os filhos, nos comportamentos que esperam dos filhos quando esses são agredidos (não retaliar), nas expectativas que têm em relação ao uso da violência entre adultos em situação de autoridade- por exemplo no que pode fazer um professor que é agredido ou um policial que é ofendido. Enquanto as pesquisas estadunidenses revelam uma aceitação da retaliação a agressão com violência os entrevistados rejeitam o uso da violência física nessas situações. Essa menor aceitação da violência abrange até mesmo a vingança pessoal em um caso hipotético que envolva uma filha vítima de um delito grave (estupro). A exposição a violência no âmbito doméstico sob a forma de punição corporal também não parece afetar de modo uniforme os entrevistados e se transformar automaticamente em um ciclo perverso. Entrevistados que foram vítimas de punição corporal, quando crianças, não parecem mais predispostos a usar dessa violência com seus filhos. Mesmo entre aqueles, poucos, que aceitam a violência há indícios de que o fazem também como uma resposta extrema frente a uma situação de desamparo e desproteção provocada pelo fracasso do sistema de justiça criminal- pela impunidade. Já aqueles entrevistados mais jovens que aparentemente menos rejeitam certos comportamentos violentos não há indícios de uma cultura da violência, não idealizam ou valorizam os jovens que adotam a violência como comportamento ou o seu uso como forma de obterem prestígio e respeito.

Os dados sugerem, então, que se a violência cresce dentro da sociedade brasileira as causas desse crescimento têm que ser buscadas em outros fatores. Seu crescimento não pode ser atribuído a existência de um tipo específico de cultura ou sub-cultura da violência.

Bibliografia Utilizada

Afolayan, -Johnson "Consequences of domestic violence on elementary school education". *Child-and-Family-Behavior-Therapy*, Vol 15(3) (1993): 55-58.

Alba, Richard. D. et al "Living with crime: the implications of racial/ethnic differences in suburban location". *Social Forces* 73(2) (1994): 395-434, March.

APTIVA, Questionario: "Atitudes y normas culturales frente a violencia en ciudades seleccionadas de la region de las Americas." Proyecto APTIVA, Organización Pan-Americana de Saúde, (1996) Washington, D.C.

Assis, Simone. *Quando crescer é um desafio social. Estudo sócio-epidemiológico sobre violência em escolares em Duque de Caxias, Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública, (1991) Rio de Janeiro, R.J.

Assis, Simone. "Crianças e adolescentes violentados: passado, presente e perspectiva de futuro. *Cadernos de Saúde Pública*, 10(1) (1994):126-134.

Astor, -Ron "Children's moral reasoning about family and peer violence: The role of provocation and retribution". *Child-Development*. Vol 65(4) (1994): 1054-1067, Aug

Barone, -Charles; Involvement in multiple problem behaviors of young urban adolescents. *Journal-of-Primary-Prevention*. Vol 15(3) (1995): 261-283, Spr

Cohen, Dov & Nisbett, Richard. "Self Protection and the Culture of Honor: Explaining Southern Violence". *Personality and Social Psychology Bulletin*. 20(5) (1994): 551-567. October.

DATASUS, (1999) Causas de Mortalidade, Brasil, Ministério da Saúde, Governo do Brasil. Internet: www.datasus.gov.br

DuRant, -Robert; Cadenhead, -Chris; Pendergrast, -Robert; et-al "Factors associated with the use of violence among urban Black adolescents". *American-Journal-of-Public-Health*, Vol 84(4) (1994): 612-617, Apr

Emler, Nicholas & Reicher, Stephen. *Adolescence and Delinquency*. (1995), Oxford, Blackwell Publishers.

Everett, Sherry & Price, James H. "Student's Perceptions of Violence in the Public Schools: The MetLife survey". *Journal of Adolescent Health*. 17(1995): 345-352. Dec.

Fagan, Jeffrey.. *Adolescent Violence: A View from the Street*. Research in Progress Seminar Series (January). (1998) Washington, D.C.: Office of Justice Program, National Institute of Justice.

Felson, Richard B. et al "The subculture of Violence and Delinquency: Individual versus School context effects". *Social Forces*. 73(1) (1994): 155-173. Sept.

Fry, Douglas P. "Respect for the rights of others is Peace: Learning Aggression versus nonaggression among Zapotecs". *American Anthropologist*. 94(1992): 621-639.

Garbarino, -James; Kostelny, -Kathleen; Dubrow, -N. "What children can tell us about living in danger". 98th Annual Convention of the American Psychological Association Distinguished Professional Contributions Award Address (1990, Boston, Massachusetts). *American-Psychologist*, Vol 46(4) (1991):376-383, Apr.

- Garbarino,-James. "Children's response to community violence: What do we know? Irving Harris Symposium on Prevention and Intervention: The effects of violence on infants and young children." *International perspectives on Prevention* (1992, Chicago, Illinois). *Infant-Mental-Health-Journal*, Vol 14(2) (1993)103-115, Sum.
- Garbarino,-James "The American war zone: What children can tell us about living with violence". *Journal-of-Developmental-and-Behavioral-Pediatrics*, Vol 16(6) (1995): 431-435, Dec.
- Gelles,-Richard "Poverty and violence toward children. Special Issue: The impact of poverty on children. *American-Behavioral-Scientist*, Vol 35(3) (1992): 258-274, Jan-Feb.
- Gladstein,-Jack.; Rusonis,-Elisa.; Heald,-Felix. "A comparison of inner-city and upper-middle class youths' exposure to violence". *Journal-of-Adolescent-Health*, Vol 13(4) (1992): 275-280. Jun.
- Hammond, W. Rodney & Yung, Betty "Psychology's role in the public health response to assaultive violence among young African-American men." *American Psychologist*. 48(2) (1993): 142-154.
- Hartless,-Julie; Ditton,-Jason; Nair,-Gwyneth; Phillips,-Samuel. "More sinned against than sinning: A study of young teenagers' experience of crime." *British-Journal-of-Criminology*, Vol 35(1) (1995):114-133, Win.
- Hemenway,-David; Solnick,-Sara; Carter,-Jennifer "Child-rearing violence." *Child-Abuse-and-Neglect*, Vol 18(12) (1994): 1011-1020, Dec.
- Henning,-Kris.; Leitenberg,-Harold; Coffey,-Patricia et al. "Long-Term Psychological and Social Impact of Witnessing Physical Conflict between Parents." *Journal-of-Interpersonal-Violence*, 11(1) (1996): 35-51, March.
- Hinton-Nelson, Mary D. et al "Early adolescents exposed to violence: hope and vulnerability to victimization." *American-Journal-of-Orthopsychiatry* 66(3) (1996): 346-353. July.
- Howard,-Donna-E. "Searching for Resilience among African-American Youth Exposed to Community Violence: Theoretical Issues ". *Journal-of-Adolescent-Health*, 18(4) (1996):, 254-262, Apr
- Jaffe,-Peter; Wolfe,-David; Wilson,-Susan; Zak,-Lydia "Similarities in behavioral and social maladjustment among child victims and witnesses to family violence." *American-Journal-of-Orthopsychiatry*, Vol 56(1) (1986): 142-146, Jan.
- Jenkins,-Patricia "School delinquency and school commitment". *Sociology-of-Education*; Vol 68(3) (1995) : 221-239, Jul.
- Jessor, R. "Successful adolescent development in high-risk settings." *American Psychologist*. 48(2) (1993): 117-126.
- Kpsowa, Augustine J. et al "Reassessing the structural co-variates of violent and property crimes in the U.S.A.: a country level analysis." *British Journal of Sociology*, 46(1) (1995):79-103, March.
- Kratcoski,-Peter-C. "Youth violence directed toward significant others." *Journal-of-Adolescence*; Vol 8(2) (1985): 145-157, Jun.
- Kupersmidt,-Janis; Griesler,-Pamela; DeRosier,-Melissa; Patterson,-Charlotte.; et-al "Childhood aggression and peer relations in the context of family and neighborhood factors." *Child-Development*, Vol 66(2) (1995):360-375, Apr.

le-Blanc,-Marc; Vallieres,-Evelyne; McDuff,-P. "Adolescents' school experience and self-reported offending: An empirical elaboration of an interactional and developmental school social control theory." *International-Journal-of-Adolescence-and-Youth*, Vol 3(3-4) (1992): 197-247.

Liska, Allen; Bellair, Paul E. "Violent crime rates and racial composition: convergence over time." *American Journal of Sociology* ,101(3) (1995): 578-610, Nov.

Martinez,-Pedro; Richters,-John-E. "The NIMH Community Violence Project: II. Children's distress symptoms associated with violence exposure. Special Issue: Children and violence." *Psychiatry-Interpersonal-and-Biological-Processes*; Vol 56(1) (1993): 22-35, Feb.

Martinez,-Ramiro,-Jr. "Latinos and Lethal Violence: The Impact of Poverty and Inequality." *Social-Problems*; 43(2) (1996): 131-146, May.

Mathias,-Jane; Mertin,-Peter.; Murray,-Anne. "The psychological functioning of children from backgrounds of domestic violence." *Australian-Psychologist*; Vol 30(1) (1995): 47-56, Mar.

Meek,-Harriet-W.; Ware,-Philip "Maintaining Empathy in a Threatening Environment." *Psychodynamic-Counselling*; 2 (1) (1996) : 67-90, Feb.

Mitche, Terance "Fear and withdrawal from urban life." *THE ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 539 (1995): 14-27, May.

Novy, Diane & Donohue, Stephen. "The Relationship Between Adolescent Life Stress Events and Delinquent Conduct Including Conduct Indicating a Need for Supervision." *Adolescence* 20(78) (summer) (1985): 313-321.

O'Donnell,-Julie; Hawkins,-J. David; Catalano,-Richard; Abbott,-Robert; et-al "Preventing school failure, drug use, and delinquency among low-income children: Long-term intervention in elementary schools." *American-Journal-of-Orthopsychiatry*; Vol 65(1) (1995):87-100, Jan.

O'Keefe,-Maura "The Differential Effects of Family Violence on Adolescent Adjustment." *Child-and-Adolescent-Social-Work-Journal*; 13(1) (1996): 51-68, Feb.

Osofsky,-Joy-D. "The effect of exposure to violence on young children." *American-Psychologist*; Vol 50(9) (1995): 782-788, Sep.

Richters,-John; Martinez,-Pedro "Violent communities, family choices, and children's chances: An algorithm for improving the odds. Special Issue: Milestones in the development of resilience. *Development-and-Psychopathology*; Vol 5(4) (1993): 609-627, Fall.

Richters,-John-E.; Martinez,-Pedro "The NIMH Community Violence Project: I. Children as victims of and witnesses to violence. Special Issue: Children and violence." *Psychiatry-Interpersonal-and-Biological-Processes*; Vol 56(1) (1993): 7-21, Feb.

Sampson,-Robert.; Laub,-J. "Urban poverty and the family context of delinquency: A new look at structure and process in a classic study. Special Issue: Children and poverty." *Child-Development*; Vol 65(2) (1994): 523-540, Apr.

Simon, J. *Governing cities through crime*. MOST/UNESCO- Management of Social Transformations, October 1996 Colloquium, Geneva

Singer, Mark et al "Adolescents'exposure to violence and associated symptoms of psychological trauma." *JAMA. Journal of the American Medical Association*. 273(6) (1995): 477-482. Feb.

Taylor, Ralph Poverty and Adolescence. In P. B. Edelman and J. Ledner *Adolescence and Poverty : Challenge for the 1990's*. Center for National Policy Press. (1991)

Taylor, Ralph "The impact of crime on communities." *THE ANNALS, AAPSS*, 539(1995): 28-45, May,

The World Bank (1997) *Crime and Violence as Development Issues in Latin America and the Caribbean, Seminar The Challenge of Urban Criminal Violence*, Rio de Janeiro, OPAS, BID, the World Bank, UNESCO, HABITAT, Rio de Janeiro, 2 a 4 de março de 1997.

Tyler, Tom & Degoey, Peter "Collective Restraint in Social Dilemmas: Procedural Justice and Social Identification Effects on support for authorities." *Journal of Personality and Social Psychology*. 69(3) (1995): 482-497.

Vermelho, Lúcia & Mello Jorge, Maria Helena Prado. "Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência)." *Revista Saúde Pública* 30(4) (1996): 319-331.

Wall,-Judith.; Holden,-E. Wayne "Aggressive, assertive, and submissive behaviors in disadvantaged, inner-city preschool children. Special Issue: Impact of poverty on children, youth, and families." *Journal-of-Clinical-Child-Psychology*; Vol 23(4) (1994): 382-390, Dec.

Warner, Beth S. & Weist, Mark D. "Urban Youth as witness to violence: Beginning assessment and treatment efforts." *Journal of Youth and Adolescence*. 25(3) (1996): 361-377.

Werthamer-Larsson,-Lisa; Kellam,-Sheppard; Wheeler,-L. "Effect of first-grade classroom environment on shy behavior, aggressive behavior, and concentration problems. Special Issue: Preventive Intervention Research Centers." *American-Journal-of-Community-Psychology*; Vol 19(4) (1991): 585-602, Aug.

Wilson, Margo & Daly, Martin **Homicide**- McMaster University Ontario. (1988)

Zaluar, Alba. (1990) Teleguiados e chefes: juventude e crime. **Religião e Sociedade**, 15:54-67.